

Capacidade de geração de renda do brasileiro está sustentável, diz FGV

(Rafael Rosas)

RIO - A capacidade de geração de renda dos brasileiros aponta para a sustentabilidade do crescimento com redução da pobreza que o Brasil tem testemunhado nos últimos anos. A conclusão é da pesquisa A Nova Classe Média: o Lado Brillhante dos Pobres, divulgada hoje pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), que mostra que o índice de geração de renda no país subiu 31,2% entre 2002 e 2008, enquanto o índice sintético de potencial de consumo avançou 22,6% no mesmo período. Os dados mostram ainda que a crise internacional que se abateu sobre a economia brasileira no quarto trimestre de 2008 não mudou essa tendência, uma vez que no ano passado o índice de consumo avançou 2,49%, enquanto o índice de geração de renda cresceu 3,05%. "O lado que mais prospera é o do trabalhador brasileiro. Isso mostra que haverá poder de compra mais na frente", frisou o coordenador do CPS-FGV, Marcelo Neri. O economista explicou que o avanço da renda se deu durante a crise, principalmente, no rendimento do trabalho, o que mostra a melhora das condições do mercado de trabalho no país, como o aumento da formalização, com a geração de 995 mil empregos com carteira assinada em 2009 e a indicação de mais de 1,7 milhão entre janeiro e julho deste ano, segundo dados do Ministério do Trabalho. Os cruzamentos de dados realizados em cima da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na quarta-feira, mostram que entre 2008 e 2009, 3,172 milhões de brasileiros entraram na classe C, considerada por Neri como a nova classe média brasileira. Com o resultado, a fatia desta classe no total da população brasileira atingiu 94,934 milhões da população, ou 50,5% do total. Segundo Neri, foi a primeira vez que a classe C - que tem rendimento domiciliar total de R\$ 1.126,00 a R\$ 4.854,00 por mês - superou os 50% da população com base nos dados da Pnad. Antes, já havia superado os 50% com base na Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, que considera apenas as seis principais regiões metropolitanas do país. Entre 2003 e 2009, a classe C cresceu 34,32%, enquanto as classes D e E caíram 11,63% e 45,50%, respectivamente. As classes A e B também subiram, com 38,51% e 40,99% nesta ordem. Neri acredita que o Brasil pode continuar com bons níveis de redução de pobreza por mais três décadas. Para o economista do CPS-FGV, a tendência é de que as classes A e B liderem o crescimento no futuro. "O Brasil tende a melhorar porque as pessoas estão indo mais para a escola", disse Neri, lembrando que o aumento dos anos de estudo tem contribuído para melhores indicadores de renda do trabalho. Neri explicou também que, entre os estados brasileiros, a renda média domiciliar per capita verificada na Pnad atingiu R\$ 812,00 no Rio de Janeiro, uma alta de 4,52%, contra uma média de 2,04% no país. O avanço foi suficiente para que a renda média domiciliar per capita fluminense superasse a de São Paulo, colocando o Rio na terceira posição no país, atrás de Distrito Federal e Santa Catarina. "O Rio de Janeiro subiu ao pódio, depois de décadas de decadência com a saída da capital, em 1960", ressaltou Neri.